

MICROSCÓPIO

RAUL FILLA

Tomo os jornais do dia e leio: no Rio, um jornalista brutalmente agredido pela Policia Especial; no Paraguai, mais um movimento revolucionário; no Panamá e na Bolivia, conspirações revolucionárias; no Chile, planos de sabotagem; no Perú, parede de estudantes contra a prepotência do govêrno; e, para tudo resumir, o estado de sitio em meia dúzia de nações latino-americanas. Não se trata de fatos excepcionais, que por acaso se tenham reunido em o noticiário de um só dia: são fatos frequentes, corriqueiros, que quase tôdas as semanas aparecem na imprensa.

Haverá, porém, alguma relação entre a violência policial de Copacabana, o levante do Paraguai e a conspiração do Panamá? Não é necessário pesquisar muito, para encontrá-la. Pode-se dizer que é o lamentável atraso político e social da América Latina. Este é o elo que reúne na mesma causalidade sucessos aparentemente tão díspares e distantes. Dendo praticamente a ditadura o regime político vigente nesta parte do Continente Americano, é natural que nela impere o arbítrio e que, contra o arbítrio, se levantem motins e revoluções.

Quando se aponta o sistema parlamentar por corretivo da endemia ditatorial reinante no Continente, surge logo a objecção da instabilidade do govêrno, que se diz característica do regime. Que ela não vale dois caracóis, sabem-no quantos tenham clara noção do que é democracia e conheçam como verdadeiramente se passam os fatos. Concedendo, porém, que alguma coisa valha a objecção, pergunto:

Que será menos danoso, cair um ministro por causa de uma violência policial, ou manter-se o ministro e reproduzirem-se indefinidamente as lências? Que será menos perturbador, despedir pelo voto um govêrno infausito, ou simplesmente ingrato, ou derrubá-lo pelas armas?

Os tupiniquins (que os há ainda neste país) os tupiniquins talvez optem pelo último processo; mas não há cidadão civilizado que não lhe anteponha o primeiro.